

## **GENTE COM MEMÓRIA DE AGENTE: O ALUNO, HABILIDADE E AÇÃO INFECTANTE**

Raimundo Hélio da Silva

Graduando em História Licenciatura Plena – UFRN.

Cláudio Correia de Oliveira Neto

Graduando em História Licenciatura Plena – UFRN. Técnico de Nível Médio Integrado em Controle Ambiental-IFRN

### **RESUMO**

Iniciar os aprendentes nos conceitos de memória individual, memória coletiva e identidade no projeto. Criar um vínculo emocional o qual eles se identifiquem com os espaços de memória e sua importância no contexto histórico que essa memória individual contribui para a formação da memória coletiva. Portanto patrimônio, visto como uma fonte essencial para formação de identidade e que deve ser preservado e conseqüentemente formar agentes disseminadores e conservadores de memória.

**Palavras chaves:** Memória. Identidade. Patrimônio.

## INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa de um historiador inicia-se por perguntas que o indagam por motivos que seu inconsciente confronta o consciente numa dialética do passado com o presente. Mas, qual o limite entre história e ficção? A memória invoca a ficção, pois o historiador necessita de se apossar dessa irrealidade para propor possíveis respostas aos por quês que o rodeiam e permeiam sem que ele perceba seu meio e espaço pessoal que, refletido no social e na busca pela semelhança descobre as diferenças na pesquisa histórica, procura a identidade, mas revela a alteridade como disse Certeau, ao encarar a história.

Nesse momento, é ela que o possui, ao encarná-lo o torna agente dissecador de documentos, fabricante de memórias, personificador de eventos vividos e decifrador de enigmas, o que CERTEAU denominou *Operação Historiográfica*, uma comparação pertinente no que diz respeito a fragmentar a história, tal qual o cirurgião que realiza uma operação científica dividindo o corpo (objeto) em partes: primeiro o “por quê?” (uma problemática), que os leva ao quê? (escolha do tema), o “quando?” (recorte temporal) e termina para quê ou quem (a escrita).

Para toda pergunta há uma possível resposta, mas o historiador na busca pelas hipotéticas respostas deve tomar certas precauções, pois, nos caminhos que permeiam esta operação historiográfica, ele utiliza a imaginação que é necessária, senão a operação se torna fatigante e entediante afinal ele busca uma resposta para indagações que resulta no final desta operação numa escrita que deve ser prazerosa e acessível não só para seus pares, mas, também para o leitor e estudioso comum, senão a dissecação resultará num Frankenstein historiográfico feito de remendos imaginários em exacerbação e sem nenhuma contribuição realmente historiográfica.

É exatamente este leitor comum e em formação, em *especial o alunado de ensino médio de escolas públicas* que serão ou não possíveis historiadores, este é o público alvo que se pretende provocar, tal como seres biológicos que se instalam, parasitas que infectam estes discentes de curiosidades e questionamentos, os quais

saiam do estado de apatia e letargia que os imunizam como vacinas desta infecção deixando o estado de gente passiva passando para o estado de agente ativo disseminador historiográfico que não só aprende para posteriormente repetir, mas, apreende para levar sua infecção a outros hospedeiros.

Portanto, o portador dessa infecção (o professor) deve ao solicitar habilidades e competências desses alunos observarem os critérios causadores dessa carência historiográfica, em geral não só falta de um bom embasamento teórico como também o uso de material didático com qualidade nas escolas em especial públicas.

Assim, esse tema esta baseado na necessidade de suprir parte desta carência e se justifica na necessidade de produzir agentes provocadores de memórias com o objetivo de fazer lembranças estagnadas ganharem vida nesses locais de memórias individuais, construindo identidades coletivas e os topônimos gentílicos<sup>1</sup> tenham significado na sua essência na origem da gente legitimada natalense e potiguar<sup>2</sup>.

## **I. (IN) COMPETÊNCIA CLANDESTINA: ATO E POTÊNCIA**

No decorrer da formação básica, o aluno deve desenvolver certas habilidades e competências, uma rapidez de raciocínio lógico para interpretar e discorrer sobre várias disciplinas, rapidez em dialogar assuntos amplos de sua vivência, perspicácia para um raciocínio matemático, físico e químico, etc. Habilidades eficazes para serem aplicadas na vivência escolar uma vez que, estas foram formuladas para um público específico o educando, este é formatado para desenvolver competências que são impostas, as quais caso não sejam alcançadas será punido esta punição é severa vai desde a repreensão verbal até a reprise de um ano inteiro de repetições de normas e fórmulas que devem ser aprendidas sem discussão de suas aplicabilidades em sua vida fora das paredes escolares.

O aluno no decorrer de sua passagem na vida escolar não percebe que está em uma “prisão educativa” e repleta de regras que os docilisam, os amansam, os formatam, os observam e os punem. Em fim uma série de regras e obrigações que são

---

<sup>1</sup> Nome próprio de lugar, ou de acidentes geográficos. *Gram.* dos adjetivos que indicavam nacionalidade, os quais também eram chamados pátrios.

<sup>2</sup> Poti: camarão. Potiguar: indígena da região NE do Brasil.

inseridas sem que ele perceba, aos que contrariam resta à punição foi o que FOUCAULT após várias observações do sistema prisional e manicomial que eram seus objetos de estudos classificou a escola como um tipo de *panótipo*<sup>3</sup> a sala de aula seria como uma prisão cujo observador (o professor) desempenha seu papel de sentinela, carcereiro e carrasco, funções que agregam as atribuições que lhe são impostas, pois, ele também é prisioneiro em condicional deste mesmo sistema prisional.

Mas, como mudar isso, como quebrar estas regras? Tudo isso só terá uma fundamentação se o professor infectador tiver uma boa base de formação e aperfeiçoamento, que começa na sua graduação, nesse momento esse ser infectante deve distinguir de sua colônia a que cepa pertence, a dos que reproduz, repete, imita e copia ou o que procura questionar, duvidar, violar e interrogar a si e aos seus pares, o produto desse questionamento é o que deve ser transportado para além dos muros das universidades em forma de projetos de extensão e pesquisa, então, a partir desse momento o professor também tem essa mesma habilidade e competência hospedada no seu ser para transplantar no seu aluno o futuro hospedeiro, nesse instante estas habilidades explicitadas no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) terão algum sentido para quem se cobra e deixam de serem apenas verdadeiros cartões de memória, HD's (Discos Rígidos) de computadores com suas memórias RAM (Memória de acesso aleatório) que no menor descuido apagam todas as informações nelas contidas.

Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. O Ensino Médio, portanto, é a etapa final de uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade, com a construção de competências básicas, que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da pessoa, como “sujeito em situação” – cidadão. p. 5-10.PCN

Em um ato de fé os professores ajudam seus alunos a desenvolverem essas competências e essas habilidades que foram determinados como necessárias. “São necessárias para meu aluno” repetirão os professores, como se fosse um mantra. Todo o ato de fé é excomunga a dúvida. As Competências e Habilidades são naturalizadas, como

---

<sup>3</sup> Sistema de construção que permite de determinado ponto avistar todo o interior do edifício.

se existissem desde sempre, como se não tive intencionalidade, um contexto histórico, um conflito de interesses.

O Texto do PCN deixa claro o caráter formador do Ensino Básico, é uma bússola que aponta o norte. Mas quem determinou onde fica o norte? Por que o professor e o aluno devem ir para o norte? E se o aluno ou o professor quiserem outra direção?

A bandeira dos Parâmetros Curriculares é alicerçada num aspecto da vida humana que se transformou em um valor central, o trabalho. O valor humano passa a ser definido pela capacidade de trabalho, o cidadão trabalha para a sociedade. Assim sendo não é estranho que a escola em seus atos de fé queira “a construção de competências básicas, que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da pessoa, como “sujeito em situação – cidadão.” É o que trabalho pretende dar sentido, a vida humana. A categoria trabalho é até projetada para além do humano, transferimos isso aos animais, qual criança não sabe que as formigas trabalham?

Mas o Trabalho é a única faceta de um ser humano? Certamente que não, afinal seres humanos são infinitos presos em carne. Se ele não é a única faceta então porque aceitar passivamente que ele se torne um valor central? Por que deixa-lo como o sentido de vida? Por que nossos PCN não constroem competências básicas para amar? Por que não pode ser a amizade o pilar do PCN? Sabe por que não pode? Ninguém sabe as competências básicas que precisamos para viver, não há um roteiro na vida que possa indicar um norte.

A escola é uma ilha de ilusões que exige certeza para um mundo incerto. Deixam-nos com medo de experimentações. Pior nos impede de exercitar o que estamos sendo. Estipulam objetivo que são delas para os alunos que não são elas. A Escola não pensa sobre o pensamento que pensa.

Nenhuma Competência ou Habilidade construída pela escola poderá ser usada para ajudar uma adolescente que após ter engravidado teve que ir morar com o namorado e lhe dá com a solidão que agora sente. As competências do Mundo do

trabalho e do cidadão são incompetentes para a complexidade da vida. É a complexidade do viver que em sua incompletude justifica a Vida. Somente ela tem a completude ou a ausência de completude para ser valor basilar· que dá de sentido a si mesmo. Pois a Vida faz pensar sobre o pensamento da vida.

Sem nenhuma sombra de certeza habite no movimento de pensar sobre o que pensamos algo que vá fora do domínio de Competências e Habilidades que engessam a empiria que nos leva a aprender e a pensar verdadeiramente. Desprendermos-nos do que norteia e conduz começar a apreciar o movimento, o ir e vir das ondas, atentarem as paisagens e ao caminho mais do que ao lugar de destino.

Cabe aqui exercitar o pensar sobre o pensamento. Não é conceituar, dizer o que é ou não é pensar, mas ver o silêncio entre o que é e o que deixa de ser. O convite não é para chegar a nenhum lugar é só para caminhar. A palavra em geral não possui essência, se assim fosse todos os ouvintes entenderiam a palavra de uma mesma maneira, o que na prática não ocorre. O que é tido como elogio para um individuo pode ser uma grande ofensa para outro. Mas o que determinar o que é ofensa e o que é elogio para uma pessoa? É a experiência, vivencia que ela teve com a palavra, o sentido que ela preencheu a ideia repito não tem essência. Pensamento e Pensar são palavras e serão infladas com as experiências. As Experimentações até aqui encheram o Pensamento e o Pensar de sentidos distintos. Na palavra Pensar foi dado o sentido de Criar enquanto o Pensamento é a Questão criada. Conjugadas pudessem dizer que Pensar o Pensamento é Criar Questões. Pensar o Pensamento que se pensa é Criar uma ou mais questões sobre a representação das coisas. Pensar sobre o Pensamento do que se pensa sobre o trabalho seria... Antes de disso é necessário discutir sobre o caráter antidivino da Criação.

Na mitologia Cristã a divindade Cria por evocação, ele chama às coisas a existência. Cria-se de um nada, um nada em si. Não é dessa Criação que evoca as coisas à tona. O ato Criador sobre o qual o meu pensar está pensando esse pensamento é antidivino, é provocado. Cria-se por uma provocação. Algo Externo lhe perturba ao ponto de disparar a criação que rompe ,peca, transgride. Aquele que ao buscar, ao inventar, ao ousar – o que ainda não foi se quer tentado incorre em transgressão. Criar é violentar a representação das coisas. Se violenta está representação pensando, ou melhor, com um

Pensamento. O Pensamento se caracteriza por uma Questão. Pensar/Criar uma questão que subverte e desnaturaliza a representação. A Questão não obtém resposta alguma ela apenas provoca levando ao Pensar, é um movimento. Não se chega a um lugar apenas se faz andar.

Voltemos ao Trabalho. Ao ser provocado pelo Exterior da menina que se sentia solitária em sua nova jornada se disparou o Pensar que gerou um Pensamento (Como as Competências e Habilidades exigidas pelo PCN ajudaria aquela menina?) sobre a representação do Trabalho na contemporaneidade. A provocação veio de um exterior, a solidão da menina não é um objeto da educação sobre Currículo Escolar, e fez deslocar, violentar a representação tida como natural, que os professores seguem como ato de fé. E isso só acontece por que não fomos provocados a Pensar o Pensamento sobre o que se pensa em Educação. Até hoje não se perguntou o que é uma sala de aula? Ou o que é uma aula? Pois se aceita com fé a representação, o que leva a infertilidade, se impede a criação.

Preocupam-se em demasiado em fazer, sem pensar um pensamento sobre o fazer. Querem tanto chegar a algum lugar que se esquece de olhar o caminho. Tentam a todo custo agarrasse a certeza e evitar à heterogeneidade, a estranheza, a incerteza, o abandonar-se no mar, pular de um abismo sem a segurança de um anjo para salvar. As pessoas e as escolas rejeitam o experimentar. Certa vez em uma aula sobre Identidade quando questionado sobre quem/o que impedi um homem de usar uma saia o aluno respondeu em alto e bom tom: EU ME IMPESSO. Creio que as palavras deles já bastam para entender o problema escolar acerca da ausência de vida.

Não se pode ensinar a Pensar, não há método para isso. Não sabemos que experiências os outros tiveram para significar o Estranho que perturba e dispara a criação. Pensar o Pensamento que se pensa, fazer um “Metapensamento”- será esse o termo que usaremos para referir-se ao criar questões sobre as representações que nos cercam –não é um ato espontâneo. Até a atualidade o simples desejo para que um objeto imóvel se ponha em movimento não basta para fazê-lo se movimentar. Aplica-se uma força ao objeto, que o impulsiona e lança fora do repouso. Realizar Metapensamento também exige aplicar uma força. Nosso Pensar é condicionado a uma inércia, tende a um

repouso, a uma conformidade e uma naturalização. Apesar de não sabermos o que vai provocar o pensar, podemos ao menos lutar contra a inércia do pensamento, essa tendência a naturalizar. Jihad é representado como Guerra Santa, mas seu sentido arcaico é do Homem lutar contra si, devemos ter um Jihad do pensamento. Lutar contra nossa própria tendência a conformidade. Não é possível dizer como combater, ainda não havia feito essa questão, que só surgiu agora na tentativa de realizar Metapensamento sobre o Metapensamento.

Assim exposto, pergunta-se que preparação este alunado teve do decorrer desse percurso? Propõem-se possíveis respostas.

## **II. UM PROJETO, UMA IDEIA.**

Nas escolas os assuntos abordados são limitados e com péssimo embasamento teórico-metodológico, se restringem ao quinto ano (antes 4ª série), tome-se como exemplo alguns destes livros intitulados: Estudos Sociais do Rio Grande do Norte de SAMPAIO, Francisco Coelho. Editora do Brasil (1979) e Rio Grande do Norte, meu Estado: estudos sociais de NORONHA, Carlos. MARINHO, Aleuda. (et al) de 1999 que se limitam basicamente a fundação da cidade de Natal, o material utilizado como base de estudo, era justamente estes livros, o sistema de ensino estadual tornou obrigatório algumas disciplinas, como: Cultura do Rio Grande do Norte e Economia do Rio Grande do Norte, porém, não viabilizou nada de novo nesse sentido, como os professores poderiam lecionar algo que não tinha nenhuma consistência mais aprofundada? Deveriam se concentrar em ensinamentos estagnados em livros do ensino fundamental?

Perguntas que clamam por repostas plausíveis, órgãos com material vasto tem no caso, a UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte que possui um excelente exemplo de acervo escrito e publicado, monografias e digitalizados, etc. Porque então, esse material não chega a quem tem necessidade?

Interrogações vão surgir no decorrer deste artigo, as soluções definitivas é que não surge tão facilmente, o que não quer dizer que as possíveis não existam, em quanto



isso, se exige dos alunos “habilidades e competências”. Pretende-se amenizar tal carência com essa nova proposta de projeto.

Nesse contexto, apresenta-se este projeto na busca de reviver memórias esquecidas em espaços mal preservados e de péssima conservação, espera-se que a preservação da memória e sua aplicação como dispositivos causadores de lembranças e reminiscências guiados pelos trabalhos de ALBUQUERQUE JÚNIOR, *A arte de inventar o passado* e SEIXAS, *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais sejam revividas nesses espaços*.

Na universidade, tudo era desconhecido e novo, porém, um fato chamou a atenção, provocou o pensamento, quando fazíamos um passeio de reconhecimento pelas instalações de um departamento do CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) um local surpreendeu, o NEHAD (Núcleo de Estudos Históricos da Arqueologia e Documentação). Com a quantidade de material escrito, por que não chegam às escolas? Afinal, esta é a atribuição de uma universidade pública, tornar o conhecimento viável a quem é desprovido dele. Por que os governos municipais e estaduais não buscam parcerias com a UFRN com o intuito de elaborar material mais consistente e confiável devido à origem de fontes?

Fomos à procura de possíveis respostas, em campo visitamos escolas preferencialmente públicas, mas, para isto usou-se um critério de amostragem das quatro zonas que a cidade é dividida elegeu-se a Zona Norte e a Zona Sul, não nos surpreendemos muito, à realidade encontrada foi à mesma que a vivenciada.

### **III. NASCE UM PROJETO**

Solução definitiva ainda não se encontrou, mas uma ideia surgiu em equipe, por que não um projeto de extensão? Elaboramos uma proposta de projeto de extensão levamos ao conhecimento de nosso professor e orientador Prof. Dr. Roberto Airon Silva, juntamente com a Profa. Francisca Aurinete Girão na coordenação os quais acreditaram e propuseram concorrer ao edital da PROEX/UFRN (Pró-Reitoria de Extensão da

Universidade Federal do Rio Grande do Norte) que foi aprovado em 2010 e posto em prática em 2011, intitulado **Memória e Patrimônio da Euroamérica de Natal: da Ribeira a Cidade Alta (1930-1964)**, destaque para os eventos: Revolução de 1930, Segunda Guerra – 1945 e Golpe de 1964, períodos, mais escasso de fontes didáticas nas escolas.

Porém, estes recortes temporais não teriam sentido sem uma relação com certas definições, uma vez que a história é feita pela vivência de homens e mulheres e estes seres são agentes fundamentais nesse processo e dotados de sentidos (visão, tato, olfato, paladar e audição) que fazem ligação com o seu meio, para ativar estes sentidos conceitos como o que é memória, identidade, lembrança, reminiscências, patrimônio, documentos e monumentos são imprescindíveis no estudo da história (apêndice I – questionário e planos de aula).

#### **IV. OBETIVOS, UMA OBRIGAÇÃO OU TRANSGRESSÃO**

A escola desde os tempos rememoráveis vem desempenhando o seu papel na formação do indivíduo na sociedade clássica baseada na observação do cotidiano na comparação com o outro os mestres seus tutores para os pátios, as praças. Os campos das cidades e fazia sua explanação perante seus pupilos sobre a arte de guerrear, a arte da diplomacia quando necessário, a continuidade de sua linhagem, sua sexualidade, etc. Toda sua formação voltada para uma aplicabilidade no seu mundo e na sua individualidade o que se chamou *Paideia*<sup>4</sup> palavra que originou a pedagogia sabe-se que esta prática era voltada a um público em especial o cidadão de origem grega, não era uma prática comum a todos.

A atualidade não distingui-se da Antiguidade Clássica quanto ao Caráter (in) formativo dos educandos. Dar forma exige formas, repetições, replicas. Repetir não é criar. Seguir objetivos é uma obrigação, um ato de repouso, de inércia. Objetivos fixam em um fim e não em um caminhar. Fins não propiciam dúvidas, conflitos, provocações,

---

<sup>4</sup> O objetivo fundamental da educação era a formação do homem individual, exige-se algo mais da educação. Para além de formar o homem, a educação deve ainda formar o cidadão

barreiras dos objetivos. Viver é incerto, o objetivo é a certeza. As certezas não se relacionam com a vida, mas com o que transcende a vida. De certo que nenhum dos alunos ou seres humanos viventes transcendeu a vida. Como dito em tópico anterior só a complexidade de viver pode dar significado ao viver, pois é um movimento.

Se o objetivo se afasta da Vida e nós ainda vivemos, devemos então nos afastar do objetivo. Transcender não é para os vivos. Devemos nos aproximar da Vida e, portanto da Transgressão. Transgredir é para os vivos. Ensinar/Apreender devem ser atos Transgressores. Nossos alunos e nós mesmos devemos ser transgressores.

O Professor enquanto vírus deve perturbar a célula escola/sala de aula que está realizando sua atividade natural de formar, de distribuir certezas e negar a Vida. O Vírus torna o comportamento da célula escola/sala de aula anômala. Ele produz violência que retira a inércia do pensamento. E é ali na célula escola/sala de aula que começa a se reproduzir novos vírus. A Força aplicada fez Metapensamento. Não sabemos qual provocação produz ou não Metapensamento, pois só o aluno pode sentir a Estranheza que faz criar, isso já se explicou anteriormente. Só podemos provocar, aplicar força, fazer transgredir pela própria prática da transgressão. Os novos vírus não são cópias do Professor Vírus, eles são diferentes, mutantes. Qual mutação do vírus? Não podemos determinar, é incerto. A mutação é o próprio ato de Pensar do aluno que produziu um Pensar que não corresponde ao do Professor vírus. O Metapensamento gera um Metapensamento não correspondente à gênese. Não se Cria igual, até porque Criar é o oposto de Repetir. Criar é a Diferença.

## **V. EMPIRIA DO METAPENSAMENTO**

Na execução do projeto **Memória e Patrimônio da Euroamérica de Natal:** da Ribeira a Cidade Alta (1930-1964) de 2011 foi possível presenciar o Metapensamento na prática. O próprio projeto Euroamérica foi um disparador desse artigo que realiza Metapensamento do Metapensamento. A situação da adolescente solitária que disparou o metapensamento sobre o PCN e todas as outras discussões até o presente momento advêm da Extensão Universitária. Apesar de sermos os organizadores do artigo há uma

gratidão e uma dívida com os alunos das escolas envolvidas que provocaram a estranheza. Falamos tanto em Professor vírus que desnorteia a célula escola/ sala de aula, mas a verdade é que os alunos nós infectaram. As Criações deles nos fizeram Pensar o Pensamento que pensamos.

Seguindo todos os pensamentos em atos de fé sobre a forma de dar aula planejamos nossas atividades. Baseado nos PCN de História os objetivos das aulas e das oficinas de aprendizagens eram determinados. Toda a atividade que fazíamos não alcançava o objetivo. Eles tratavam de assuntos que eram baseados na nossa discussão, mas que fugiam delas. A prioridade eram os patrimônios históricos materiais e nas atividades apareciam, ainda que não discutidos pela equipe, os imateriais. Os alunos se apropriavam dos conceitos e os resignificavam de acordo com sua experiência.

Uma das atividades onde o Metapensamento ficou expresso foi a teia ou chuva de ideias. Por uma situação que não vem ao caso não foi possível aplicar um plano de aula, tivemos que improvisar. Ficou resolvido que se faria uma revisão, onde a partir dos conceitos estudados os alunos deveriam elaborar textos sobre os seus patrimônios. Os conceitos estudados foram: Memória Individual, Memória Coletiva, Patrimônio Material, Documento e Monumento. As discussões da aula dispararam o Metapensamento sobre os conceitos. Como na metáfora deleuziana do bumerangue eles em seus textos nos devolveram os conceitos, nos acertaram em cheio. Eis os bumerangues que alegremente nos perturbaram: a ideia de patrimônio como instituição composta pela junção da estrutura física e das pessoas que dinamizam esta estrutura; patrimônio não de todos, mas de grupos sociais distintos; patrimônio como algo temporário e possibilidade de criar ou se apropriar de outros patrimônios ao longo da vida e as pessoas como patrimônios.

De certo que não há conclusões a serem feitas nesse artigo, nem respostas a serem dadas. O que leram é um movimento, resultado de um disparo que se pretende transgressor e disparador de novos movimentos. Fica o desejo de que tenha sido Estranho enquanto lido e produtor de anomalias na célula que é esse encontro de Historiadores.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. In\_\_\_\_\_ capítulo 7. Violar memórias e gerar a história: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. **A arte de inventar o passado**- Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc. 2007. p. 199 – 207.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. Pensar a pedagogia com Deleuze e Guattari: amizade na perspectiva de aprender. **Educação e Realidade**, v.31, n.1, jan-jun, 2006. p.37-52

CASCUDO, Luiz da Câmara. **História da República no Rio Grande do Norte**: Da República à primeira eleição direta para governador. Rio de Janeiro: Edições do Val. 1965.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano**: a arte de fazer. 3 ed.. São Paulo: Editora: Vozes, 1988.

FOUCAULT, Michel. In\_\_\_\_\_ Terceira Parte. Capítulo III. **O Panotismo**. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes. 1987.

KOHAM, Walter Omar. Entre Deleuze e a educação: notas para uma política do pensamento. **Educação e Realidade**, v.27, n.2 .Jul/Dez 2002.p.123-130.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.] – Campinas SP: Editora Unicamp, 1990. p.366.

PASCOAL, Jesus Garcia; JUSTA, Rômulo. A aprendizagem inventiva no ensino de Psicologia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 3, 2009.p.23-34

PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana**: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal. Natal: EDUFRN Editora UFRN, 2005.

PINTO, Lauro. **Natal que eu vi**. Natal: Imprensa Universitária, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Percursos de memórias em terras de história**: problemáticas atuais. Minas Gerais: Faculdade de Uberlândia.

SOARES, Jurandir Goulart; BARBOSA, Salvador Leandro. **O que é a filosofia? Da criação conceitual ao Aprender**. Disponível em: <  
[www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/016e1.pdf](http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/016e1.pdf)> Acesso em: 15 Ago. 2012.

#### **DISPONÍVEL EM:**

<http://nataldeontem.blogspot.com/>

Acesso em: 11/05/2012

<http://povodearuanda.wordpress.com/2007/12/03/mini-dicionario-tupi-guarani/>

Acesso em; 16/08/2012

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=top%F4nimo>

Acesso em: 16/08/2012

<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proejalei9394.pdf>

Acesso em: 18/08/2012

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/paideia/conceitodepaideia.htm>

Acesso em: 18/08/2012

## **Apêndice I**



**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

**Pro – reitoria de Extensão**

**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**

**Departamento de História**

**PLANO DE AULA**

**Memória e Patrimônio da Euroamérica de Natal: da Ribeira e Cidade Alta (1930-1964)**

**Unidade I: Memória e História: uma valsa do esquecimento no salão das lembranças.**

**Aula 1: Memória do indivíduo.**

**Objetivo Geral:**

Iniciar os apreendentes nos conceitos de memória individual, coletiva e identidade. Criar um vínculo emocional entre os apreendentes, os orientadores e o conteúdo a serem ministrados no projeto.

**Objetivos Específicos:**

- Construir o conceito de memória;
- Construir o conceito de memória individual;
- Construir o conceito de memória coletiva;
- Construir o conceito de identidade.

**Metodologia:**

Para iniciar uma discussão a respeito de identidades os membros da equipe se apresentarão sem dizer seus nomes. Em seguida será passado um vídeo com os conceitos e imagens a serem debatidos e ocorrerá a distribuição de um questionário relativo aos temas abordados no encontro. No fechamento da aula entregaremos o texto “O primeiro Beijo” de Clarice Lispector para análise no próximo encontro.





**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

**Pro – reitoria de Extensão**

**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.**

**Departamento de História**

**PLANO DE AULA**

**Memória e Patrimônio da Euroamérica de Natal: da Ribeira e Cidade Alta (1930-1964)**

**Unidade I: Memória e História: uma valsa do esquecimento no salão das lembranças.**

**Aula 2: Memória Coletiva.**

**Objetivo Geral:**

A partir da construção conceitual de memória individual investigar os mecanismos da memória coletiva e sua dualidade.

**Objetivos Específicos:**

- Estudar o processo de construção da memória coletiva;
- Estudar o processo de formação da identidade coletiva;
- Discutir a questão do documento em história;
- Realizar análises por intermédio da metodologia da história comparativa.

**Metodologia:**

Utilizando-se de imagens do passado recente em escala global, nacional, estadual e local para falar sobre o processo de registro e construção discursiva da memória coletiva. Através de a análise documental fazer o apreendente refletir a cerca da dualidade desta memória. Ao final eles produzirão um registro coletivo por meio de uma fotografia e a analisarão crítica e comparativamente com uma foto de outra turma do passado recente.



**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

**Pro – reitoria de Extensão**

**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**

**Departamento de História**

**PLANO DE AULA**

**Memória e Patrimônio da Euroamérica de Natal: da Ribeira e Cidade Alta (1930-1964)**

**Unidade I: Memória e história: uma valsa do esquecimento no salão das lembranças.**

**Aula 3: Documento e monumentum: a desconstrução do esquecimento.**

**Objetivo Geral:**

Fazer com que os aprendentes percebam quando um objeto de memória passa a ser patrimônio. Discutir a importância dele e seu papel como materialização da memória coletiva.

**Objetivos Específicos:**

- Analisar o monumentum como documento;
- O conceito de patrimônio e sua dualidade;
- Relacionar o patrimônio com a memória coletiva;
- Diferenciar conservar e preservar;
- A importância de preservar o patrimônio.

**Metodologia:**

O encontro será iniciado com a retomada do texto de Clarice Lispector, discutindo sobre a humanização da estatua da mulher de pedra e o valor que ela tem para o garoto. A partir deste gancho construir o conceito de patrimônio, sua importância e a relação com a memória coletiva. Por meio de imagens exercitar no alunado a diferenciação entre monumento e patrimônio. E realizar um estudo de caso da casa de Café Filho.



**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

**Pro - reitoria de Extensão**

**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**

**Departamento de História**

**PLANO DE AULA**

**Memória e Patrimônio da Euroamérica de Natal: da Ribeira e Cidade Alta (1930-1964)**

**Aula 4: memória e história**

**Objetivos gerais:**

Instruir os discentes nos conceitos de memória , memória histórica e historia, mostrando-lhes de que forma estes dialogam entre si e também mostrar a memória, coletiva, sobretudo, como um objeto da historiografia que deve ser problematizado e não como um discurso que retrata fielmente uma realidade.

**Objetivos específicos:**

- Entender a Relação entre história, memória histórica e memória coletiva
- Mostrar a Memória como ferramenta historiográfica
- Entender Memória como uma face da realidade.
- Mostrar o historiador como alguém que Viola memórias

**Metodologia:**

Aula expositiva na qual serão discutidos os conceitos de memória, memória histórica e história, levando os alunos a refletirem sobre estes conceitos bem como fazê-los meditar, na música “quinhentos anos de que?”, composta pelo cantor Belchior, em que se questiona a memória coletiva em torno da comemoração dos quinhentos anos do descobrimento do Brasil.

ESCOLA: _____	DATA: __/__/__
NOME: _____	
SÉRIE: _____	GRAU: _____

### QUESTIONÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO

Responda

1. Quem é você?

2. Você gosta do nome que seus pais o batizou? Sim ( ) Não ( )

3. Gostaria que fosse outro? Sim ( ) Não ( ) justifique.

4. Qual profissão gostaria de seguir? Seus pais influenciaram nessa opção? Sim ( ) Não ( ) Justifique.

5. Algum dos seus sentidos (visão, olfato, tato, audição ou gustação) já o fez recordar de um momento marcante? Sim ( ) Não ( ) Explique.

6. Esquecer algo que teve importância, mesmo momentaneamente é constante em seu dia a dia? Justifique.

7. O que é preservar? É importante? Sim ( ) Não ( ) Por quê?

8. Você acha interessante conhecer a história de sua cidade? Sim ( ) Não ( )  
Justifique.

9. Quando você vai ao centro da cidade ou a áreas mais antigas costuma se questionar o porquê daquelas arquiteturas, ruas estreitas, bustos de personagens, pontos comerciais e prédios tão antigos? Isto tem algum significado, já indagou algum parente (avós, pai, mãe, tios, etc.) a respeito do assunto? Sim ( ) Não ( ) Justifique.

10. Você se sente integrante desse espaço? Dessa História? Sim ( ) Não ( ) Justifique.